

WALDEREZ SEVERO SMIDT



# Terrazzo

EDITORA RECANTO DAS LETRAS

WALDEREZ SEVERO SMIDT



# Terrazzo

EDITORA RECANTO DAS LETRAS

© Walderez Severo Smidt

Editora Recanto das Letras  
editorarecantodasletras.com.br

Coordenadora editorial: Cassia Oliveira  
Revisão do texto: Maciel Salles  
Diagramação: Michael Vasconcelos  
Imagens: Depositphotos  
1ª edição – novembro de 2019

Todos os direitos reservados.  
A reprodução não autorizada desta publicação, no todo ou em parte, constitui violação de direitos autorais. (Lei 9.610/98)

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)**  
**Angélica Ilacqua CRB-8/7057**

---

Smidt, Walderez Severo  
Terraço / Walderez Severo Smidt. --  
São Paulo : Recanto das Letras, 2019.  
306 p.

ISBN: 978-85-7142-053-3

1. Ficção brasileira I. Título

19-2161

CDD B869.3

---

**Índices para catálogo sistemático:**

1. Ficção brasileira

Aos meus pais...

Ivo Maria...

Gratidão!



*Dedico esta obra às minhas filhas Elisa e Josmarie e aos meus amados netos Guilherme e Gabriela. A vocês, meu amor incondicional.*

*Ao mais sensível e amado devorador de livros, Frederico, o Fredi, meu irmão. Em homenagem a ti, escrevi estas páginas.*

*À Elcide, Jane e Jorge. Obrigada pela cumplicidade, irmãos que tanto adoro.*



# Prólogo

Luciana começou a surpreender os pais e a todos da família já nos primeiros anos de vida.

Possuía uma esperteza no olhar de um azul profundo e sua voz saiu com frases feitas após seu primeiro aniversário. A partir daí, todos perceberam tratar-se não só de uma criança linda, mas de uma criança linda e com atributos muito especiais. Sua inteligência excepcional foi comprovada por especialistas da Universidade do Rio de Janeiro, onde seus pais trabalhavam. Seu pai, Alex Sobral, exercia suas funções no departamento de radiologia do Hospital Universitário; e sua mãe, Sandra Fagundes Sobral, na mesma unidade desempenhava atividades burocráticas.

Os dons especiais ficaram mais evidentes a partir dos três anos de idade, pois lia tudo que lhe viesse à frente, e demonstrava uma aptidão inegável pelos sons, principalmente o piano. Apesar disso, nunca deixou de lado as brincadeiras e dengüices inerentes à sua idade e era a razão da alegria de seus pais e da sua tia Virgínia.

Virgínia Fagundes Rodrigues morava na casa da irmã, mãe de Luciana, desde que ficara viúva, se sustentando com a pensão que recebia pela morte do marido e alguns trabalhos no teatro e televisão. Desde cedo abraçou a carreira artística, via-se que era muito boa nisso. Não fazia parte das famosidades, mas sempre pintava algum trabalho. O apartamento onde moravam, num arborizado condomínio perto do Leblon, no Rio de Janeiro, era testemunho da vida que corria feliz, sem luxos, porém com conforto suficiente e longe de privações.

Luciana se desenvolvia normalmente; seu cérebro, entretanto, evoluía a mil... Dificilmente a menina se adaptaria a uma escola normal. Era necessário um acompanhamento escolar especialmente preparado para seu intelecto, tanto que começou logo a frequentar uma turma de crianças prodígio, o que seria impossível em uma escola regular, cumprindo assim as quatro primeiras séries. Aos dez anos, já estava apta para finalizar as quatro últimas séries do ensino fundamental, com os cursos de inglês e francês concluídos e falando as duas línguas estrangeiras fluentemente. Virgínia obrigou-se a acompanhá-la, pois sua pouca idade exigia uma companhia constante, e a tia saiu ganhando muito, à medida que passaram a compartilhar esse conhecimento. Divertiam-se muito, vendo filmes e lendo vários livros na língua estrangeira. Desenvolveram o hábito de discutir os filmes após o cinema, em inglês ou francês, e tudo isso somado contribuiu para um aprofundamento nos laços afetivos e de confiança entre ambas. Mal sabiam elas o quanto isso seria importante e necessário para seu futuro.

Com dez anos, agora apta ao ensino médio, a garota sofreu sua primeira grande dor: a perda dos pais em um acidente de carro. Ao descerem a serra de Niterói para o Rio de Janeiro, onde os dois passaram o final de semana na casa de amigos, se depararam com uma forte chuva e, na queda de uma barreira, foram jogados ribanceira abaixo, sem chance de se salvarem. Uma lástima a perda de um casal tão jovem e com toda uma vida pela frente. De sua família, só restou tia Virgínia, companheira inseparável de sua mãe, e como Luciana dizia, sua “mãe número dois”.

O choque foi intenso demais. Até o final deste ano não teria mais escola. A adaptação à nova vida sem seus pais foi muito demorada e sofrida. Virgínia, já calejada com tantas perdas na família, era a única capaz de tirar a menina de seu estado quase catatônico. Agora só restavam elas. Eram as duas últimas de uma família não muito numerosa, mas marcada pela morte prematura de seus membros. Luciana foi aos poucos se estabilizando graças à ajuda de Virgínia e psicólogos da universidade, amigos de seus pais, que, consternados com a situação emocional da menina, passaram o restante do ano com sessões de terapia

intensiva para ajudá-la a superar o grande trauma sofrido. Contudo, a vida continua, e Luciana se deu conta disso. Era preciso ir em frente, como desejariam sua mãe e seu pai. E a vontade de voltar para a vida e romper com aquele ostracismo forçado foi como uma explosão dentro dela mesma, um despertar para tudo ao seu redor e um retorno à realidade que agora tinha muitos pontos de incerteza a serem estudados e resolvidos.

Tia Virgínia era seu porto seguro, e Luciana precisava voltar aos estudos, agora em uma escola regular, já que o dinheiro que recebia da pensão deixada por seus pais não dava mais para pagar o aluguel, condomínio, alimentação e ao mesmo tempo pagar a dispendiosa escola para alunos especiais que ela até então frequentava. Uma nova realidade. Uma nova perspectiva se desenhava. A vida cômoda e sem preocupações já era coisa do passado para alguém que só estava começando a viver. A pré-adolescente, desajeitada, gordinha, mas de um rosto expressivo e belíssimos olhos azuis, vai ter que pular etapas de sua vida e amadurecer bem mais cedo. Mais do que nunca, Virgínia vai exercer um papel importantíssimo, sempre presente, aconselhando, explicando, ouvindo suas dúvidas e emprestando o ombro para os muitos momentos de desalento pelos quais ela vai passar.



Primeiro ano do ensino médio. Escola nova, nova vida

O burburinho e a agitação da nova escola eram bem diferentes da realidade que Luciana vivera até então. Além das turmas superlotadas — fato lamentavelmente constante nas escolas públicas brasileiras —, os novos colegas pareciam de outro mundo, um mundo que ela sentia não ser o seu. Os resultados dessas diferenças logo se fizeram sentir, o isolamento era inevitável. Enquanto no antigo colégio os colegas eram

quase todos da mesma idade que ela e tinham semelhante nível intelectual, na atual tudo era diferente.

As meninas se produziam focadas no olhar dos meninos, o que para ela ainda era uma grande novidade. Aos poucos, começou a perceber também que já se preocupava mais com seu visual. Apesar de não dispensar o tênis e a calça jeans, começou a arrumar melhor o cabelo, que já ia pelo meio das costas, em uma cascata castanho-alourada, brilhante. Além disso, tinha que fazer uso do estojo de maquiagem que ganhou de tia Virgínia no seu último aniversário. Mas acabou deixando esse item de lado, pois tinha uma pele naturalmente limpa, saudável e por enquanto não se apegava a essas sutilezas femininas, embora achasse que as meninas com um pouco de rímel e batom ficavam lindas. Um dia iria usar, com certeza.

De imediato, os colegas perceberam que ela era diferente, não sabiam no quê, pois Luciana, percebendo toda a polêmica em torno de si, fechou-se ainda mais e só queria saber de estudar, estudar e estudar. Escondia com unhas e dentes sua idade e procurava afastar-se de qualquer grupo de conversação. Isso lhe valeu alguns apelidos, próprios da crueldade adolescente, como: gordinha, bizarra, aberração, CDF e outros mais que nem valem a pena citar. Pela primeira vez, deparou-se com uma praga que se alastra pelas escolas, o *bullying*. Infelizmente, provou desse amargo veneno através dos colegas maliciosos e mal-intencionados que se divertiam pelo simples prazer de verem alguém ser humilhado.

Mas esse era o caminho que precisava ser seguido, era mais uma etapa a ser cumprida, e assim foram o segundo e terceiro anos do ensino médio, tendo que suportar todo tipo de conhecimento aquém de sua capacidade, estudando coisas diferentes e se informando fora da escola, em casa, na internet, nas bibliotecas, museus... enfim, todos os lugares que lhe dariam a formação necessária para a carreira que desde muito cedo tinha em mente e desejava com todas as forças abraçar. Sua maneira de relaxar eram as aulas de piano, que já fazia pela internet e que completou de maneira satisfatória. Era uma vitória pessoal e sua válvula de escape. Ao piano, esquecia-se do quanto a vida estava sendo

dura e cruel para uma garota de sua idade, sem amigos, convivendo com pessoas de idade bem mais avançada que a sua e começando o processo das incertezas e mudanças inerentes à adolescência. Na maioria das vezes, sem compreender todo esse processo.

Terminado o ensino médio, Luciana realizou um grande sonho, que compartilhava somente com Virgínia. Aproveitando a seleção do mês de agosto para a universidade, fez o vestibular para medicina na Federal do Rio de Janeiro e passou em primeiríssimo lugar, como era de se esperar, convenhamos. O único detalhe interessante era que a garota tinha apenas treze anos, completados recentemente no final de julho, o que logo chamou a atenção dos professores e dirigentes da universidade. As aulas na universidade começaram e Virgínia estava preocupadíssima com essa nova etapa da vida da sobrinha. Como ela iria conciliar sua pouca idade convivendo com estudantes com quase o dobro da idade dela? Mas Luciana, consciente de sua capacidade intelectual, atirou-se desde logo aos livros e aulas sem preocupar-se, aparentemente, com os comentários e os olhares atravessados que recebia durante as aulas e nos corredores da faculdade. E essa personalidade forte, aliada a um saber bem mais aprimorado que os demais colegas, logo chamaram a atenção dos seus mestres.

Não tinha chegado ainda ao final do segundo semestre quando surgiu a oportunidade do concurso de uma bolsa de estudos para o exterior. Era tudo que ela queria. Sair dali, buscar novos lugares, novos horizontes, que lhe dessem mais liberdade para expandir suas capacidades. A bolsa de estudos era para a Universidade de Nova York, conceituada pela excelência no curso de medicina e nas diversas áreas de pesquisa médica. Apesar dos muitos candidatos, Luciana tirou a nota máxima, portanto, a vaga era sua e deveria apresentar-se à universidade em agosto, mês em que se iniciam as aulas por lá. Luciana assistiu às aulas no Rio até maio, quando iniciaram-se os preparativos para sua mudança, com seu primeiro ano ainda incompleto.

# Capítulo 1

## Preparação para a viagem

— Luciana, acorda! Vamos aproveitar um pouco a praia, está um dia glorioso! — gritou Virgínia da cozinha terminando de aprontar o café da manhã.

— Tô indo!!! — respondeu, com a voz ainda cheia de sono, jogando os pés para fora da cama, lutando com o mau humor matinal que tinha nos primeiros momentos ao despertar.

Luciana dirige-se ao banheiro para fazer a toailete costumeira de toda manhã. Ao olhar-se no espelho, fica desanimada por se ver gordinha e coloca o biquíni contra a vontade. Estava bem bronzeada, adorava ficar ao sol e, para isso, quando podia, usava a sacada do apartamento que era bastante ampla e ao mesmo tempo lhe dava privacidade. Detestava se expor, o que já estava se tornando um complexo que deveria, assim como muitas coisas em sua vida, passar por um processo de análise e superação.

— Alô, meu bem! — disse carinhosamente Virgínia ao vê-la sentar-se à mesa da cozinha. — Vamos nos despedir do Rio da maneira mais apropriada, dando um belo mergulho. O que você acha?

— Ok! Mas não precisamos demorar muito, certo? Ainda temos horrores de coisas para fazer. Ainda bem que a professora Jussara, amiga de mamãe, vai ficar com o piano e nossos livros. Odiaria ter que vendê-los. Se voltarmos, nós ainda teremos um tesouro.

— Sim, esse foi um ótimo arranjo. Não teríamos condições de deixar num depósito, é muito caro. Garota, relaxa! Tudo em seu tempo certo. Nesta manhã, estamos liberadas para passear um pouco. O pessoal que vai avaliar e comprar os móveis e utensílios daqui de casa só vem à tarde, assim, podemos almoçar fora e deixar a manhã rolar, gostou da ideia?

— Me parece um bom programa. — E com a boca cheia de um pedaço de torrada, declarou: — Tô nessa!!! — O que lhe valeu um olhar atravessado da sua tia.

Terminado o café da manhã, as duas saíram rumo às areias da praia. Andavam devagar, como se necessitassem sentir a cada passo o caminho que tantas vezes percorreram, inalando com prazer o cheiro das flores e do mar que nem sempre perceberam. Será que estariam novamente ali? O futuro se descortinava como uma grande incógnita. Se fosse para mudar de cidade no Brasil, a coisa seria outra. Sair do país pela primeira vez, e ainda para uma megalópole norte-americana, era um senhor desafio que arrepiava só de pensar.

— Olha, água de coco! Deve estar super geladinha — falou Virgínia, aproximando-se.

— Tia Virgínia, será que em Nova York tem água de coco?

— Certamente na praia deve ter — disse Virgínia rindo da observação da garota. — Só não acharemos nenhuma em pleno centro de Manhattan, não é mesmo?

Sentaram no quiosque do calçadão à beira da praia, saboreando a água de coco e ficaram as duas olhando o mar, maravilhadas com sua grandiosidade e a beleza do Rio. Parece que combinaram, o silêncio ficou leve, gostoso, cheio de pensamentos de esperança, e, observando tudo à sua volta, talvez estivessem pensando as mesmas coisas, querendo levar na memória e na retina tudo o que as rodeava. O mar, as montanhas, o sol na areia da praia, as pessoas caminhando pelo calçadão, a madame trazendo seu cachorrinho pela coleira, o garoto chorando por mais

um sorvete. Quanta coisa num cenário só! Tudo ficaria bem guardado, como uma foto.

Nova York ficava na ilha de Manhattan e tinha praias, sim. A universidade situava-se no centro, pertinho do Central Park. Luciana já consultara o Google, mapas e todos os indicadores que lhes interessavam para saber o terreno que iriam pisar. Imenso, novo, assustador às vezes, mas com promessas concretas de um futuro promissor. Virgínia já tinha feito suas pesquisas também, e os diversos teatros, clubes e cursos na sua área de atuação estavam todos anotados; inclusive as famílias de conhecidos brasileiros que moravam ali já tinham sido contatadas, portanto, não estavam tão à deriva, mas que dava um frio na barriga, isso dava.

Luciana levava, ainda, recomendações de seus professores para os colegas da universidade de lá. Nelas constavam o perfil e as condições de aprendizagem da garota. Seus futuros professores, através dos contatos que tiveram com o pessoal da Universidade do Rio de Janeiro, deixaram claro que estavam ansiosos e entusiasmados com a perspectiva de uma nova aluna com tantas prerrogativas a serem colocadas em prática. Aliás, prática é a palavra mais aceita, mais real, dentro da cultura norte-americana. Tudo tem que ser prático. Tudo tem que ter um objetivo prático. Tudo tem que ser praticamente concebido, avaliado e aproveitado.

Virgínia já tivera uma conversa com os professores e eles asseguraram que Luciana estava indo bem recomendada e que seus futuros mestres a esperavam.

— Acabou minha água de coco, vou cair no mar — decidiu Luciana.

— Vamos mesmo, querida. Estamos precisando dar uma esfriada na cabeça e lavar nossa alma nessas águas do Brasil.

Percorreram, sem pressa, a larga faixa de areia até o mar. Era como se necessitassem sentir aquele chão mais um pouco, desfrutar das ondas que quebravam mansas saboreando o frescor da água salgada, nem fria nem muito quente, sempre com a temperatura ideal. Depois de um

mergulho, sentaram-se à beira da praia deixando a água ir e vir, molhando seus pés. Virgínia quebra o silêncio:

— Vou sentir saudade, você não?

— Ainda não pensei muito nisso — disse Luciana. — Está tudo acontecendo tão rápido. Só tenho uma certeza: não vou sentir saudade dos meus colegas de ensino médio, nem dos apelidos que me deram. Tampouco da solidão de amigos desse tempo todo. Na real, tia Virgínia, não tenho quase nada para sentir saudade.

— É isso aí, garota! Vamos pensar na nossa vida daqui para frente.

— Pensando bem — refletiu Luciana —, estou até querendo que o dia da viagem chegue depressa, assim acaba essa ansiedade. Quanto antes a gente se ajeitar por lá, melhor para nós, não é mesmo?

— Sábia garota! — Sorriu Virgínia, com as tiradas da sobrinha, adultas demais para sua idade. — E vamos ao nosso almoço.

— Ok! — falou Luciana sorrindo também e procurando se convencer que o melhor estava por vir, deixando guardada bem no fundo aquela pontinha de medo do desconhecido.

Escolheram um restaurante simples, mas com duas coisas importantíssimas para elas: vista para o mar e comida italiana. Luciana adorava todo tipo de comida italiana, gostava de outros sabores e aromas também, mas uma lasanha com quatro queijos era seu prato preferido. Como estava muito calor, trocaram o tradicional vinho tinto suave que apreciavam tanto por um suco de frutas — abacaxi, mais precisamente.

Virgínia observava uma Luciana pensativa, introspectiva, e não deixava de ter um quê de preocupação. Achava a garota muito sem entusiasmo, aceitando as coisas com muita passividade, se entregando ao inevitável. Mas também — pensava — cada um tem um jeito, uma maneira de encarar os fatos; se fosse ela, estaria dando piruetas de alegria só pelo fato de tentar algo novo, de viajar, enfim. Luciana sempre foi

diferente das outras crianças, em todos os sentidos. Às vezes, Virgínia se deparava refletindo: “Será que estou agindo certo?”, “preciso me preparar melhor para lidar com ela”, “tem momentos que sinto que ela é mais velha e experiente que eu”. De uma coisa ela tinha certeza: tudo o que envolvia Luciana, partindo dela, era feito e pensado com muito amor e dedicação. Se estavam fazendo a coisa certa ou errada, somente com o tempo poderiam tirar conclusões. O momento agora era de pensar em coisas práticas como vender os móveis, entregar o apartamento, subir naquele avião com coragem e enfrentar o que viesse pela frente, com otimismo e determinação.

## Capítulo 2

# *Chegando a Nova York*



*A* pós muitas horas de viagem do Rio de Janeiro até Nova York, finalmente Luciana e Virgínia desembarcaram no Aeroporto John F. Kennedy, em Queens. Este é um dos distritos da Grande Nova York, onde se situam os dois maiores aeroportos da cidade. E que aeroportos! Dotados de excelente infraestrutura e, claro, bastante movimentados. Os outros distritos da cidade são: Bronx, Brooklyn, Staten Island e Manhattan, considerada o núcleo central, ladeada pelos rios Hudson e East, conectada ao continente por diversas pontes e túneis.

Logo na chegada, perceberam a grande diversidade que iam encontrar na megalópole, tanto cultural como étnica. O burburinho no aeroporto era ensurdecador, com vozes de todos os lugares e sotaques. Dava a impressão que de diferentes cantos do mundo as pessoas se reuniram para desembarcar ali, para em seguida se espalharem pelas ruas, metrô, parques, edifícios, lojas e teatros da cidade. Passaram pela alfândega, onde por pouco não tiveram que tirar as roupas dado o detalhismo com que foram revistadas e ainda teriam que ir à imigração acertar o tempo de permanência no país levando toda a documentação exigida que a universidade providenciou.

Luciana olhava para Vivi com olhos arregalados pela surpresa. Era tudo tão imenso, sentia-se totalmente perdida. Ainda bem que tinha uma tia despachada e tagarela que logo deu rumo a seus passos em direção a um táxi, amarelo, é claro, como todos por ali. Virgínia deu o endereço ao motorista:

“Caminhando pela vida, há sempre aqueles dias em que as decisões têm que ser tomadas; quando as escolhas são difíceis; as soluções, poucas; e parece que chuvas impedem a sua marcha. Há algumas situações em que tudo que você pode fazer é simplesmente deixar que elas aconteçam e prosseguir, reunir forças e escolher outras direções que possam levá-la a uma nova aurora.

É a hora de empacotar seus problemas e dar um passo à frente.

O processo de mudança pode ser duro, mas pense na alegria que está mais adiante, se você puder ser suficientemente corajoso. Pode haver aventuras que você nunca imaginou apenas esperando na próxima curva; desejos e sonhos bem perto da realização em formas que você ainda não pode entender.

Talvez você se conforte em saber que há amigos que o apoiam em tudo o que você faz, e que, independentemente da sua decisão, eles serão a escolha certa para você.

Então vá dando um passo de cada vez, vivendo a vida um dia de cada vez. Há um dia mais brilhante lá no fim da estrada.

Não olhe para trás. Você não está indo nessa direção.”

*Silvia Schmidt*

